

Ética e integridade científica num mundo desmoralizado

Ariel Marcel Tarazona-Morales¹

Zoot, MSc, Dr. Sci.,  <https://orcid.org/0000-0002-8906-3205>

¹ Docente – Investigador. Departamento de Producción Animal, Facultad de Ciencias Agrarias, Universidad Nacional de Colombia.
Email: amtarazonam@unal.edu.co

A ética e a moral são mencionadas no dia a dia não apenas em conversas casuais entre as pessoas, mas também em notícias de jornais ou na internet, especialmente quando nos referimos a atos questionáveis ou corruptos de figuras públicas. Parece que a corrupção invadiu o mundo moderno e os princípios e a moral se foram. No entanto, sabemos o que é ética e moral? Nós sabemos para que servem? Se pesquisássemos pessoas, ficaríamos surpresos (ou talvez não surpreendentemente) que a maioria teria dificuldade em definir ética ou moral com clareza, mesmo quando são termos amplamente conhecidos, usados e internalizados por todos. Em termos gerais, todos temos uma noção de moralidade e concordamos que isso nos permite reconhecer o que é aceitável do que não é, dentro de um contexto, e que esse contexto nos permite diferenciar entre o que consideramos bem ou mal. Porém, as noções de bem ou mal são influenciadas por um grande número de fatores internos de cada ser humano (atitude, aptidão, conhecimento) e externos como aspectos sociais, culturais e tradicionais, portanto é difícil ter valores morais universais. Das coisas, e é aí onde a ética, que é um ramo da filosofia que estuda a moralidade, ajuda a gerar um tipo de conhecimento que serve como um guia para as ações humanas em um sentido racional e de acordo com princípios básicos como beneficência, justiça e liberdade.

Os seres humanos são sujeitos morais por natureza, há um lugar onde a moralidade está alojada e esse lugar é o cérebro. Evolutivamente, além do polegar opositor que nos caracteriza, fomos capazes de desenvolver um córtex frontal especializado onde existe um arranjo neural que nos diferencia de outros animais, não porque tenhamos habilidades especiais e únicas como falar, raciocinar ou sentir (já foi demonstrado que muitos animais também possuem essas e outras habilidades ausentes nos humanos) senão que, em nós humanos essas características possuem outro nível de complexidade, além disso, temos um atributo que é único (por enquanto) de Seres humanos: o livre arbítrio, que é a capacidade de decidir com plena liberdade, no entanto, este atributo do livre arbítrio exige uma reflexão profunda sobre as consequências das nossas ações e, portanto, exige assumir total responsabilidade pelas nossas decisões, se o fizermos como sociedade, teremos diretrizes claras de aceitação dos comportamentos próprios e de outras pessoas. Vale esclarecer que a moralidade é evolutiva, vários experimentos com macacos, corvos e cães têm mostrado que esses animais têm noções de justiça, cooperação e consolo, entre outras, que até recentemente considerávamos exclusivas da espécie humana.

Como humanidade, habituamo-nos a fazer declarações, que aceitamos massivamente, como os direitos humanos, os objetivos do desenvolvimento sustentável; e em acordos científicos como a declaração de Helsinque (1964), Cingapura (2010) Basel (2010), mas vale a pena nos perguntarmos se estamos à altura de nossas declarações, pois uma coisa é declarar (o que implica compreensão e internalização) e outra coisa é agir (o que requer compromisso e vontade).

Na ciência moderna é imprescindível resgatar os antigos valores e virtudes, já que estamos em um mundo desmoralizado e aqui nos referimos não só ao fato de que as pessoas perderam a esperança, mas também a uma perda de moralidade, temos atos normalizados que eles são repreensíveis de princípios éticos. Ações como invenção, falsificação ou alteração de dados, plágio, não declaração de conflito de interesses, tutoria irresponsável ou autoria imerecida, entre tantos outros atos de corrupção, que vão contra a integridade científica, são cada vez mais frequentes. Em relação à autoria, deve-se ressaltar que de acordo com as diretrizes editoriais internacionais, para ser autor de um artigo científico, pelo menos os

Como Citar (Norma Vancouver):

Tarazona-Morales AM, Ética e integridade científica num mundo desmoralizado. Orinoquia, 2021;25(1):07-12. <https://doi.org/10.22579/20112629.649>



Este artículo se encuentra bajo licencia: Creative Commons Atribución-NoComercial-SinDerivadas 4.0 Internacional

seguintes quatro princípios devem ser atendidos sem exclusão: Contribuição intelectual, contribuição significativa, aprovação final do manuscrito e aceitação da integralidade à responsabilidade. Portanto, é muito claro que todos os autores que aparecem em uma publicação são igualmente responsáveis por zelar pelo rigor metodológico, honestidade, transparência e profissionalismo, bem como pela boa gestão ao longo de todo o processo de pesquisa, o que implica também o cumprimento da regulamentação em vigor.

Outro aspecto que gostaria de destacar diz respeito ao reconhecimento do valor individual do ser, e não me refiro apenas ao ser humano, mas também aos múltiplos animais utilizados em pesquisas de toda espécie e que morrem invisíveis, referindo-me ao como um “n” ou um código, embora façam parte da metodologia de pesquisa, requerem atenção especial, uma vez que são seres sencientes de acordo com a declaração de consciência de Cambridge em 2012 e, portanto, é nossa responsabilidade como cientistas garantir o estrito cumprimento do famoso 3R; minimizar o número necessário de animais usando um projeto experimental apropriado e ferramentas estatísticas robustas, substituir o modelo animal por outros se eles existirem (por exemplo, modelos computacionais ou células em culturas *in vitro*) e finalmente refinar os processos, ou seja, torná-los cada vez melhores, seguindo as boas práticas e prestando especial atenção ao nível de risco para o animal, especialmente aqueles que apresentam maior risco de causar dor ou sofrimento. Da mesma forma, procedimentos invasivos como cirurgias, implantes e tratamentos farmacológicos devem estar sob supervisão de um médico veterinário, o único profissional eticamente qualificado para esses procedimentos. O não cumprimento desses padrões pode levar a resultados de pesquisa cientificamente incorretos, moralmente repreensíveis e legalmente questionáveis.

Na experiência em diversos comitês de ética e CICUAs (Comitês Institucionais de Cuidado de Animais), constatou-se que muitos alunos, professores e até pesquisadores reconhecidos carecem de clareza conceitual nos aspectos éticos e que as diretrizes não são cumpridas por simples desconhecimento. É assim que a ética é reivindicada como uma ferramenta decisiva para a garantia da qualidade na ciência, especialmente em uma época da humanidade onde é necessário cultivar valores morais universalmente aceitos como justiça, veracidade, gentileza ou cooperação. Como todas as safras, colher os frutos exigirá tempo, cuidado, paciência e disciplina e é por isso que se exige educação ética e moral. A ética é uma matéria pendente e fundamental na formação em todos os níveis, e nos cursos de pós-graduação é fundamental para a gestão e garantia da integridade científica no mundo de hoje, devemos semear valores e virtudes nos jovens para que sejam capazes de cultivar e colher um caráter de integridade em todos os aspectos da vida, incluindo a pesquisa. Talvez em um futuro não muito distante, o mundo não fique desmoralizado e os princípios éticos sejam diretrizes claras para o trabalho diário da humanidade, o que economizaria muitos recursos importantes, aumentando a confiança e gerando ambientes de trabalho cooperativos ideais para o uso eficiente dos recursos disponíveis.

Referências

- De Waal Frans. 2016. ¿Tenemos suficiente inteligencia para entender la inteligencia de los animales? Ed. Planeta Barcelona.
- Cortina Adela. 2013. ¿Para qué sirve realmente...? la ética. Ed. Paidós. Barcelona.
- Grandin Temple, Cathrine Johnson. 2005. Animals in Translation. Ed. Scribner. New York.